

## O Casarão Vermelho

A circular estacionou no ponto de parada de uma das avenidas mais movimentadas da capital e dela desceu um senhor, muito elegante, vestindo um terno impecável e carregando um pequeno, mas muito bonito buquê de rosas champagne. Era uma tarde cinzenta de outono e a garoa, bem fininha, nem chegava a molhar as pessoas que caminhavam apressadas. Seguindo no mesmo sentido do tráfego barulhento, o homem caminhou lentamente, fazendo uso de uma bengala, até a primeira esquina. Dobrou à direita e deu de cara com uma rua tranqüila, que lhe era conhecida, pois lá vivera até os seus vinte anos. Tudo era familiar apesar dos cinquenta anos passados.

Reinaldo reconheceu os antigos casarões, que apesar do tempo, mantinham-se de pé, caracterizando aquele bairro, um dos mais importantes nos áureos anos da cidade antiga. Muito pouco havia mudado naquela região. Enquanto ele caminhava, o som dos carros ia se diluindo, permanecendo apenas o ruído dos seus passos e da bengala tocando a calçada irregular. Alguns sobrados pareciam vazios e em seus muros estavam fixadas placas de imobiliárias que pretendiam vendê-los ou alugá-los. Outros se apresentavam completamente abandonados, com paredes, portas e janelas danificadas pela ação do tempo e dos vândalos. A maioria deles estava bem conservada, mas um, em especial, chamava a atenção de Reinaldo. Situado no meio do imenso quarteirão, o casarão tinha as suas paredes pintadas com o mesmo vermelho que o destacava meio século atrás.

Como as imagens da infância e da juventude preenchiam a sua mente, Reinaldo ficou estático e pôde lembrar as crianças, de calças curtas, suspensórios e pés no chão, correndo atrás da bola de meia enquanto uma mãe, com sotaque italiano, gritava para que tomassem cuidado com o bonde. Ah! O bonde... Que diferença dos meios de transporte de hoje em dia... A volta ao presente se deu com as gotas frias, que começaram a cair mais intensamente e a Mercearia Popular, que não existia na primeira metade do século passado, quando aquela rua era totalmente residencial, foi o esconderijo perfeito para evitar um possível resfriado. O senhor não reconheceu ninguém dentro do estabelecimento comercial, muito menos foi reconhecido pelo proprietário e seus fregueses, que estavam preocupados com os seus negócios.

De dentro do mercadinho, Reinaldo podia observar, saudoso, a construção vermelha que tanto conhecia, e fez isso durante um bom tempo, sob o som da chuva. Quando esta diminuiu, perguntou a um menino que fazia compras, se alguma família

morava naquele sobrado e foi informado que apenas uma mulher idosa vivia ali. Então, agradeceu através de um pequeno aceno e saiu com todo cuidado, evitando as poças que se formaram por toda parte. Bem em frente ao casarão, encostou-se na parede, já que estava na calçada oposta e tornou a fitá-lo, tentando enxergar o seu interior, procurando um passado que talvez nunca pudesse recuperar.

Depositou, sobre um pequeno banco de concreto, o buquê que trouxera e ao começar a andar novamente, com a intenção de rever o local onde morara, percebeu que a porta do casarão se abrira e de lá, uma senhora, com os cabelos prateados pela idade e uma feição muito bonita, que revelava a sua beleza quando jovem, saiu carregando um rodo para tirar o excesso de água que se ajuntara na área. Reinaldo a reconheceu imediatamente, era ela, Clara, que fora sua colega de colégio, primeira amiga e namorada, com quem fizera planos de um futuro maravilhoso. A brincadeira de criança, na época, foi tomando ares de compromisso e, aos poucos, o casal de namorados, apesar das diferenças sociais, pois ele era de família rica e ela não, acabou se tornando naturalmente um casal de noivos. Era impossível imaginar a vida de Reinaldo sem Clara, e a de Clara sem Reinaldo. Um não conseguia fazer nada na falta do outro e a cumplicidade tornou-se a principal característica do relacionamento entre o belo rapaz e a doce garota.

A pureza estava presente no amor de Clara e Reinaldo, que com a data do casamento marcado, só esperavam o momento mágico da união completa de seus corpos. Os vinte anos dele e os dezenove dela aparentavam mais, principalmente diante da racionalidade com que tomavam suas decisões. A felicidade dos dois parecia completa... Parecia...

Numa tarde chuvosa e escura de outono, idêntica à que escolheu para retornar ao passado, Reinaldo tomou uma decisão que mudou completamente suas vidas, decepcionando a todos que lhe depositavam confiança e provocando em Clara uma enorme tristeza, uma dor tão forte que seu coração quase não pôde suportar. O então admirável rapaz partiu para uma nova vida, deixando apenas um pequeno bilhete, no qual informava que antes de se casar deveria viajar para resolver alguns problemas de família, voltando logo em seguida. Isso nunca aconteceu... Reinaldo não voltou. Tempos depois, soube-se por amigos do bairro que ele estava vivendo com uma mulher mais experiente, recém saída de um relacionamento conflitante e que, segundo ele próprio relatara, o ensinara o maravilhoso caminho do amor. Para Clara restou a resignação e a descoberta de que a realidade nem sempre corresponde aos sonhos.

Através do sofrimento, seus olhos se abriram e ela aprendera do que o ser humano era capaz.

Já a fantasia de Reinaldo durou exatamente seis meses, até o dia em que assistiu, incrédulo, ao desmoronamento do castelo de areia que parecia tão sólido, culminando com a partida da sua rainha. Sem a mesma estrutura que Clara, mesmo tão jovem já apresentava, ele não conseguiu suportar a perda e, revoltado, entregou-se aos vícios e prazeres da noite. Essa fuga, patrocinada pela própria família, lhe permitiu a aprendizagem da vida marginal e a jogatina aguçou-lhe a esperteza. Reinaldo adquiriu a confiança necessária para acreditar que, com a sua inteligência, poderia manipular a tudo e a todos naquele submundo. Sua formação foi rápida, sua ascensão, meteórica. Com habilidade, conquistou pessoas influentes, adquiriu poder e riqueza, seduziu mulheres, construiu um império. Passou a ser chamado de doutor quando terminou a faculdade de medicina, mas nunca exerceu a profissão. O que importava para a sociedade era enaltecer uma de suas celebridades e isso era fácil, uma vez que ele nunca deixara transparecer qualquer relacionamento com a marginalidade, aliás, sempre posava de moralista e fazia questão de dar declarações que era contra qualquer tipo de transgressão às leis.

Os anos se passaram e o Dr. Reinaldo casou-se quatro vezes, além de outros relacionamentos não oficializados. Teve quatro filhos, cujas guardas sempre obteve amigavelmente, em acordos muito mais econômicos do que sentimentais. O seu império cresceu muito, a ponto dele se tornar muito mais conhecido do que o próprio pai que já era rico e médico atuante. Mas o Dr. Reinaldo colheu o que plantou, ou melhor, o que não plantou, pois durante toda sua vida de mentiras, nunca conseguiu transmitir bons valores aos seus herdeiros e isso resultou numa verdadeira batalha entre eles, motivada pelo desejo de assumir a condução dos negócios da família, depois que conseguiram afastá-lo dessa função, acusando-o de antiquado e incapaz de continuar o seu reinado.

Decepcionado e sem poder de reação, o Dr. Reinaldo percebeu que o seu tempo havia realmente expirado, pois nem mesmo a sua opinião era mais solicitada. Chegou à conclusão de que o mundo mudara muito e ele não conseguiria mesmo sobreviver diante dos conflitos que ele mesmo chamava de brigas de cachorro grande.

Morando sozinho, numa bela casa que os filhos lhe compraram num bairro nobre da cidade, pela primeira vez Reinaldo sentiu saudades da juventude. Quando a imagem da jovem e bela Clara se formou em sua mente, seus olhos se encheram d'água.

Da mesma forma, naquela tarde chuvosa, ao revê-la na área do casarão vermelho, Reinaldo não conseguiu conter as lágrimas, mas mesmo assim, pegou novamente o buquê e atravessou a rua em direção ao portão do antigo sobrado, para poder vê-la de mais perto. A senhora parou o que estava fazendo e olhou a aproximação daquele homem de cabeça baixa e olhar temeroso. Ela também o reconheceu e, decidida, desceu a pequena escada que dava no portão e abrindo-o recebeu Reinaldo cinqüenta anos depois.

- Eu tinha a certeza de que você voltaria um dia...

- Perdão, minha querida! Acredito que você tenha sofrido muito, mas estou aqui para reparar meu erro.

Clara ficou pensativa por um instante, porém demonstrou total controle de seus sentimentos.

- Tem razão Reinaldo, realmente sofri muito. Quando você partiu, eu senti que, junto, perdia também toda a minha felicidade. Mas, e você, é feliz? Ou ainda está procurando a sua felicidade?

- Acabei de reencontrar depois de tê-la jogado fora.

- Não seja tolo... Não precisa me conquistar...

- Eu farei tudo para que você também recupere a sua.

- Ah, Reinaldo! E quem te disse que ainda sou infeliz? Claro que sei que você faria o possível e até o impossível para conseguir o que deseja. Todos sabem do que você é capaz, pois a sua trajetória de vida tornou-se conhecida por toda parte, mas infelizmente, o meu Reinaldo não existe mais. Morreu há muito tempo atrás, quando fez a sua escolha.

Aquelas palavras foram como um balde de água fria, pois Reinaldo não esperava que a doce Clara fosse tão direta, além disso, nunca uma pessoa fora tão incisiva em afirmar que tudo o que acontecera era resultado de um erro seu. Ele não estava acostumado com isso e não conseguiu pronunciar uma palavra sequer. Clara continuou a falar calmamente:

- Sabe Reinaldo, naquele dia em que li o seu bilhete, senti o mundo desabar sobre minha cabeça. Os meus sonhos... Tinham desaparecido num passe de mágica. Tudo aquilo em que eu acreditava e valorizava não passava de ilusão. Perdi a vontade de viver e a minha visão tornou-se escura. Na verdade, eu não queria ver mais nada, pois os meus olhos só sabiam enxergar com o coração e isso me tornava uma pessoa frágil e indefesa. Durante dias permaneci trancada no meu quarto, no meu mundo, onde

eu estaria a salvo, não só de você, mas da crueldade do ser humano. Quando os meus olhos se abriram para a realidade, eu só consegui suportá-la porque tive o apoio da minha família. Durante os primeiros dezenove anos de minha vida, convivi com os bons valores e sentimentos que meus pais sempre demonstraram em suas atitudes. Foi difícil, não nego, porém a vida estava me ensinando a enxergá-la com os olhos da razão e a procurar o amor verdadeiro, que se encontra no coração das pessoas.

Naquele momento, Clara não conseguiu segurar uma lágrima que correu sobre sua face, como se fosse a única que sobrara das tantas que derramou no dia em que Reinaldo partiu. Este, por sua vez, estava nocauteado com a narração e seu único direito era ouvir o que, talvez, ela tivesse guardado desde aquela separação. Clara, se refez da emoção e continuou o seu monólogo:

- Passaram-se alguns anos e eu ainda tinha a esperança de que meus sonhos de juventude se tornariam realidade, mas a cada notícia do novo membro da alta sociedade, eu acordava para a verdade que era a nossa história. Enquanto isso concluí meus estudos, tornei-me professora e comecei trabalhar, assim minha vida tomou um rumo que me conduziu à felicidade. Com certeza uma felicidade diferente da que você gostaria de dar agora.

- Mas porque você vive sozinha até hoje?

- Reinaldo, a minha vida, para você, deu um salto de cinquenta anos, mas ela não é mais a mesma. Nesse período muita coisa aconteceu. Eu me casei com um professor, chamado Antonio, e tivemos três filhos. Vivemos muito felizes. As crianças cresceram, se formaram e hoje estão cada qual seguindo o seu destino, na convivência das suas novas famílias. Tenho netos que já estão grandes e todos me visitam nos finais de semana, trazendo a alegria e o amor que me preenchem, suprimindo a falta de Antonio, que faleceu há dez anos, depois de um mal súbito. Sabe Reinaldo, você tem que ter consciência de que o mundo não gira ao seu redor, ou por sua causa. Assim como você, muitas pessoas têm o seu próprio valor.

O homem que fora tão poderoso e conseguira tudo enquanto teve forças, chorou copiosamente, como uma criança que perde o seu mais importante brinquedo. Reinaldo percebeu que também a sua vida dera um salto de cinquenta anos e que ele se apresentava igual ao dia em que partira, com a única diferença de estar envelhecido. Os seus valores, se assim podem ser chamados, eram os mesmos do menino rico e mimado, cujas ações eram sempre aceitas e os erros, sempre relevados. Recordou instantaneamente a sua história, que apesar de repleta de acontecimentos sociais, não

apresentava um só momento em que, estando sozinho, pudesse parar e sentir uma felicidade em seu coração, uma sensação de paz.

Restava-lhe um último argumento:

- Clara, tudo o que fiz... Se errei, ou se acertei... Sempre o fiz com amor.

- Meu querido, eu sei que em seu coração existe muito, muito amor, assim como já existia quando namoramos e fizemos planos. Acredito que todos, ou pelo menos a maioria dos que conviveram com você, também saibam disso. Só que a vida tentou te mostrar, que somente uma pessoa, até hoje, recebeu todo esse seu sentimento.

- Mas hoje eu descobri Clara! Foi preciso todo esse tempo para eu enxergar que o amor da minha vida é você.

- Não Reinaldo, você está enganado e continua cego. A única pessoa que recebeu todo o seu amor e, tenho certeza, continuará recebendo, é você mesmo...

Sentindo a chuva que recomeçara, Clara, sem fechar o portão, subiu as escadas rapidamente até a área coberta e voltou-se para Reinaldo, esperando que ele também procurasse abrigo. Ele não entrou... Ficou um instante olhando para a bela senhora e colocou o buquê na calçada... Como era um costume seu, fez um pequeno aceno e recebeu o sorriso mais lindo que já vira em toda a sua vida. Depois fechou o portão e começou a caminhar, sob o terno olhar de Clara, em direção à avenida. Não deu mais que dez passos... Parou angustiado. Virou-se e viu que ela continuava a observá-lo, como que querendo protegê-lo das dificuldades que ele teria que enfrentar nessa nova maneira de enxergar o mundo.

Durante algum tempo Reinaldo ficou contemplando o semblante de Clara, que irradiava felicidade e o bonito casarão vermelho, que se apresentava como um porto seguro. Um estranho sentimento tomou conta do seu ser e ele não teve, como antes, o desejo de possuí-los, apenas para satisfazer mais uma vez os seus desejos, mas simplesmente amou-os, desinteressadamente. Os olhares se cruzaram, os sentimentos foram recíprocos e Reinaldo fez o que nunca fizera durante toda a sua vida, permitindo a si mesmo receber um afeto verdadeiro.

A história do casal, que ficara incompleta durante cinquenta anos, escreveu naquele instante o seu capítulo final. Clara entrou em casa, fechando vagarosamente a porta e Reinaldo, sob a chuva que lavava o passado, retomou o caminho de volta para o seu mundo. Antes de chegar na avenida, ele não suportou e olhou, pela última vez, o casarão vermelho. Clara e Reinaldo nunca mais se encontraram, mas se amaram, cada um do seu jeito, até o término de suas vidas.

Vitor Fernandes